

5 de fevereiro de 1958

Seminário da quarta-feira de 5 de fevereiro de 1958

A Simbolização preocupa o mundo. Um artigo foi publicado em maio - junho de 56 sob o título de “*Symbolism*”¹ de Charles Kra...², onde ele tenta dar um sentido atual ao ponto em que estamos da análise do simbolismo. Aqueles entre vocês que lêem o inglês teriam vantagem em ler tal artigo, posto que isso lhes mostrará as dificuldades que se apresentam desde sempre a respeito do sentido a ser dado, na análise, à palavra simbolismo, e quero dizer, não simplesmente à palavra, mas ao uso que se faz dela, à idéia que se faz do processo de simbolismo.

É verdade que desde 1911, quando o senhor Jones fez o primeiro trabalho importante a respeito, a questão passou por diversas fases. Encontrou e ainda encontra dificuldades muito grandes no que concerne atualmente à posição mais articulada sobre o assunto, isto é, a que se afasta das considerações da senhora Melanie Klein sobre o papel do símbolo na formação do *eu* [*m*].

Isto tem a mais estreita relação com o que estou explicando, e gostaria de tentar fazer-lhes sentir a importância do ponto de vista que estou tentando lhes fazer entender, para colocar um pouco de clareza em direções escuras. Não sei por onde vou começar hoje, não tenho plano quanto à maneira pela qual vou apresentar as coisas. Eu gostaria, já que é uma espécie de antepenúltima sessão que lhes anunciei, um seminário próximo mui precisamente dirigido sobre o falo e a comédia, gostaria simplesmente hoje de marcar uma espécie de ponto de parada, mostrando-lhes algumas direções importantes nas quais o que expus no início deste trimestre concernente ao complexo de castração permite se colocar pontos de interrogação.

Vou então começar tomando as teses como elas se apresentam. Hoje em dia, sobre este assunto, não se pode sempre pôr uma ordem estrita em algo que deve, antes de mais nada, hoje, ser considerado como uma espécie de ponto-encruzilhada.

Neste capítulo de Kra..., vocês acabam de ver aparecer o processo primário e secundário. É algo sobre que nunca falei a vocês e, algum tempo atrás, alguns estranharam o fato. Encontraram o processo primário e secundário a propósito de uma definição de vocabulário e ficaram um pouco surpresos.

O processo primário e secundário data do tempo da *Traumdeutung* e é algo que não é completamente idêntico mas que engloba as noções opostas ao princípio de prazer e princípio de realidade.

Mais de uma vez aludi para vocês ao princípio de prazer e ao princípio de realidade, sempre para fazer-lhes notar que o uso que se faz deles está incompleto, se não se os relaciona um com outro, isto é, se não se sente sua ligação, sua oposição como sendo constitutiva da posição de cada um destes termos.

Gostaria de começar logo com o principal daquilo que acabei de fazer notar.

A noção de princípio de prazer como alimento - princípio do processo primário tomada isoladamente, termina nisto: é daí que Kra... pensa dever partir para definir o processo

¹ “Symbolism and its relationship to the primary and secondary Process”.

² Charles Rycroft.

5 de fevereiro de 1958

primário. Ele pensa dever afastar todas as suas características estruturais, colocar em segundo plano o fato que domina um dos elementos construtivos que são efetivamente a condensação, o deslocamento, etc, tudo aquilo que Freud começou a abordar quando definiu o inconsciente. E ele o caracteriza fundamentalmente através daquilo que traz na elaboração terminal desta teoria a respeito da *Traumdeutung* isto é, que o princípio do prazer é constituído essencialmente por isto: que há um mecanismo que, originariamente e principalmente, quer vocês entendam a coisa do ponto de vista da etapa histórica ou do ponto de vista de uma subjacência de um fundamento sobre o qual alguma outra coisa teve que se desenvolver, uma espécie de base, de profundidade psíquica ou mesmo que vocês o entendam numa espécie de relação lógica, que é daí que se deve partir, haveria, digamos, no sujeito humano, não poderia se tratar, ao que parece, de outra coisa, mas o ponto não está bem definido, haveria em resposta à incitação pulsional, sempre a possibilidade virtual e de alguma forma constitutiva do princípio da posição do sujeito em relação ao mundo, tendência à satisfação alucinatória do desejo.

Penso que isto não os surpreende. Abundantemente expressa em todos os autores, esta referência a isto que, em razão de uma experiência primitiva, e sobre um modelo que é o da reflexão a toda e qualquer incitação interna do sujeito, corresponde, antes que a ela corresponda algo que é o ciclo instintual, o movimento, fosse ele incoordenado, do apetite, depois da busca, e depois da referência na realidade daquilo que satisfaz a necessidade pelo fato das marcas mnêmicas daquilo que já respondeu ao desejo. É a porta de satisfação. A satisfação tende pura e simplesmente a se reproduzir no plano alucinatório.

Isto que se tornou quase consubstancial a nossas concepções analíticas, à necessidade de usarmos, quase que eu diria, de maneira implícita, toda vez que falamos do princípio do prazer, não lhes parece numa certa medida que é algo bastante exorbitante para merecer um esclarecimento, porque afinal, se está na natureza do ciclo dos processos psíquicos se criar para si mesmo sua satisfação, eu poderia dizer: por que as pessoas não se satisfazem?

Claro, é porque a necessidade continua a insistir, porque a satisfação fantasmática não poderia satisfazer todas as necessidades, mas sabemos por demais, na ordem sexual, que em todos os casos, ela é eminentemente suscetível de fazer face à necessidade, se se trata de necessidade pulsional. Para o fim é outra coisa e, afinal, desenha-se no horizonte que é exatamente disso, é do caráter *mi* possivelmente ilusório do objeto sexual que, afinal de contas, se trata.

Esta concepção existe e de certa maneira é motivada efetivamente pela possibilidade de se sustentar, pelo menos a um certo nível, ao nível da satisfação sexual. É algo que impregnou profundamente todo o pensamento analítico, que na medida em que esta relação da necessidade com sua satisfação, isto é, as primitivas, primordiais gratificações ou satisfações, ou frustrações, também, que são consideradas como decisivas na origem da vida do sujeito, isto é nas relações do sujeito com sua mãe, alcançou o primeiro plano, isto é, que é em seu conjunto, numa dialética da necessidade e de sua satisfação que a psicanálise entrou sempre mais, à medida em que se interessou sempre mais pelo estado primitivo do desenvolvimento do sujeito, isto é, a relação da criança com a mãe. Chegou-se a algo cujo caráter significativo gostaria de enfatizar, e, ao mesmo tempo, o caráter necessário.

É isto na perspectiva kleiniana, que é a que estou designando atualmente, isto é, onde toda a aprendizagem, se assim se pode dizer, da realidade pelo sujeito, é de alguma forma primordialmente preparada e subentendida pela constituição essencialmente alucinatória e

5 de fevereiro de 1958

fantasmática dos primeiros objetos classificados em bons e maus objetos, na medida em que eles fixam, de alguma forma, uma primeira relação completamente primordial que vai dar para a continuação da vida do sujeito, os principais tipos de modos de relação do sujeito com a realidade. Chega-se a uma espécie de composição do mundo do sujeito que é feita de uma espécie de relação fundamentalmente irreal do sujeito com objetos que não são senão o reflexo de suas pulsões fundamentais.

É em torno da agressividade fundamental do sujeito, por exemplo, que tudo vai se ordenar numa série de projeções das necessidades do sujeito. Este mundo da *phantasy* tal como é situada na escola kleiniana, é fundamental, e é na superfície disso que, por uma série de experiências mais ou menos felizes, é desejável que sejam bastante felizes para isso, que o mundo da experiência vai possibilitar uma certa marcação razoável daquilo que nestes objetos é, como se diz, objetivamente definível, enquanto correspondendo a uma certa realidade, ficando a trama da irrealidade de alguma forma absolutamente fundamental.

É, se assim posso dizer, esta espécie de construção que pode verdadeiramente ser chamada de psicótica do sujeito, que faz com que, em suma, um sujeito normal é, nesta perspectiva, uma psicose que teve êxito, uma psicose de alguma forma felizmente harmonizada com a experiência, e isto não é uma reconstrução. O autor sobre o qual vou falar agora, o senhor Winnicott, o expressa estritamente assim em um destes textos que escreveu sobre a utilização da regressão na terapêutica analítica.

A homogeneidade fundamental da psicose com a relação normal com o mundo está neles absolutamente afirmada como tal. O que não impede que *mui* grandes dificuldades surjam dessa perspectiva, e se trataria de conseguir conceber o que ela é, posto que a fantasia não é senão, de alguma forma, a trama subjacente ao mundo da realidade, de ver qual pode ser a função da fantasia reconhecida como tal pelo sujeito no estado adulto e acabado, obtendo êxito na constituição de seu mundo real. É também o problema que se apresenta a todo kleiniano que se preze, isto é, a todo kleiniano confesso, e assim pode se dizer atualmente a quase todo analista, desde que o registro no qual ele inscreve a relação do sujeito com o mundo, se torna sempre mais exclusivamente o de uma série de aprendizagens do mundo feitos na base de uma série de experiências mais ou menos bem sucedidas de frustração.

Peço que retomem o texto do senhor Winnicott que se encontra no volume 26 do *International Journal of Psycho-Analysis* e se chama *Primitive Emotional Development*, para conseguir motivar o surgimento, conceber como este mundo da fantasia, enquanto vivido conscientemente pelo sujeito e que equilibra sua realidade, como a experiência o comprova, e é preciso constatá-lo no próprio texto. Que aqueles aos quais isso interessa se apoiem sobre uma ressalva cuja necessidade, vocês vão ver, se sente bem, pois ela termina com um paradoxo particularmente curioso.

O surgimento do princípio de realidade, em outras palavras, o reconhecimento da realidade, a partir das relações primordiais da criança com o objeto materno, objeto de sua satisfação e também de sua insatisfação, absolutamente não deixa pressentir como daí pode surgir o mundo da fantasia sob sua forma, para assim dizer, adulta, a não ser através de um artigo do senhor Winnicott que certamente possibilita um desenvolvimento bastante coerente da teoria, mas cujo paradoxo quero simplesmente lhes mostrar. É isto: ele faz notar que se fundamentalmente a satisfação da necessidade alucinatoria está na discordância desta satisfação com aquilo que a mãe traz à criança, é nesta discordância que vai se abrir a hiância na qual a criança pode constituir de certa maneira um primeiro

5 de fevereiro de 1958

reconhecimento do objeto, o objeto que, apesar das aparências, por assim dizer, decepciona.

Então para explicar como pode surgir, em suma, este algo a que se resume para o psicanalista moderno tudo quanto pertence ao mundo da fantasia e da imaginação, isto é, aquilo que em inglês se chama, ele faz notar isto: suponhamos que o objeto materno chegue exatamente no momento certo, assim que a criança reage para ter a mama, a mãe, ela lha traz. Aqui o senhor Winnicott pára com toda razão e pergunta: o que é que possibilita, nestas condições, à criança distinguir a alucinação, a satisfação alucinatória de seu desejo, da realidade?

Em outras palavras, com este ponto de partida, chegamos estritamente a expressar a seguinte equação: é que na origem, é absolutamente impossível distinguir a alucinação e o desejo completo. Não lhes parece que o paradoxo desta confusão não pode deixar de ser surpreendente?

Numa perspectiva que rigorosamente caracteriza o processo primário como devendo ser naturalmente satisfeito de uma maneira alucinatória, chegamos a isto, que quanto mais a realidade é satisfatória, se assim se pode dizer, tanto menos ela se constitui numa prova de realidade, e que a origem do pensamento de onipotência na criança, está essencialmente fundada sobre tudo quanto pode haver tido êxito na realidade.

Isto pode ser coerente de certa maneira, mas vocês devem reconhecer que isso apresenta em si mesmo algum aspecto paradoxal e que a própria necessidade de dever recorrer a algo tão paradoxal para explicar, em suma, um ponto pivô do desenvolvimento do sujeito, é algo que merece reflexão e perguntas.

Eu vou logo ao oposto daquilo que parece poder ser apresentado em face desta concepção que, eu acho, vocês sabem, por mais paradoxal que seja, e francamente paradoxal, deve também ter algumas conseqüências. Ela tem certamente todo tipo de conseqüências - eu as já assinalei, ano passado, quando aludi a este mesmo artigo do senhor Winnicott - isto é, não há outro efeito no prosseguimento de sua antropologia a não ser classificar na mesma ordem que os aspectos fantasmáticos do pensamento quase tudo quanto se pode chamar especulação livre.

Eu já o disse ano passado, há aí uma assimilação completa da vida fantasmática com tudo aquilo que é da ordem, então, extraordinariamente elaborada especulativamente, isto é, que tudo quanto se pode chamar de as convicções quaisquer que elas sejam, políticas, religiosas ou outras. O que é uma espécie de ponto de vista que se insere numa espécie de humor anglo-saxônico, numa certa perspectiva de respeito mútuo de tolerância, e também de retração. Há uma série de coisas das quais só se fala entre aspas ou das quais não se fala entre pessoas bem educadas, e todavia são coisas que têm uma certa importância, já que fazem parte do discurso interior que se está longe de poder reduzir ao

Mas deixemos as conseqüências da coisa. Quero simplesmente lhes mostrar que em oposição a isso pode haver outra concepção.

Primeiro, será que é tão evidente que se possa pura e simplesmente chamar de satisfação aquilo que se produz ao nível alucinatório, isto é, nos diferentes registros onde podemos encarnar de alguma forma esta tese fundamental da satisfação alucinatória da necessidade primordial do sujeito ao nível do processo primário?

5 de fevereiro de 1958

Já introduzi várias vezes o problema a este respeito. Dizem: vejam o sonho, e sempre se ocupam com o sonho da criança. É o próprio Freud que nos indica o caminho na perspectiva que ele havia explorado, isto é, nos indica o caráter fundamental do desejo nos sonhos; ele foi levado a nos dar pura e simplesmente o exemplo do sonho da criança como um tipo de satisfação alucinatória.

Daí, todos sabem que a porta é aberta rapidamente. Desde muito, os psiquiatras haviam procurado fazer uma idéia das relações perturbadas do sujeito com a realidade, no desejo, por exemplo, comparando-o com estruturas análogas às do sonho. A perspectiva que estamos introduzindo aqui não nos permite trazer aí uma modificação essencial. Creio que é muito importante, no ponto em que estamos, e na presença dos impasses e das dificuldades que suscita esta concepção de uma relação puramente imaginária do sujeito com o mundo como estando no próprio princípio do desenvolvimento de sua relação com a realidade dita oposta; isto, cuja localização no pequeno esquema eu mostrava, esquema este que não cessarei de utilizar, e que é este. Eu o retomo em sua forma mais simples e lembro de que se trata, mesmo se pareço matraquear um pouco: há aqui algo que podemos chamar de necessidade mas que eu desde já chamo de desejo, porque não há estado original nem puro da necessidade e, desde a origem a necessidade é motivada no plano do desejo, isto é, de algo que no homem está destinado a ter uma certa relação com o significante, e porque é na travessia por esta intenção desejante daquilo que coloca para o sujeito como a cadeia significante, quer a cadeia significante já tenha imposto suas necessidades em sua subjetividade, quer na origem, ele não a encontra senão sobre a forma disto, que ela está desde já constituída na mãe, mas que ela lhe impõe, já, na mãe, sua necessidade e sua barreira; e vocês sabem que aqui, ele a encontra primeiro sob a forma do Outro, e que ela termina nesta barreira sob a forma da mensagem onde neste esquema só se trata de ver sua projeção, naturalmente, e onde se situa, sobre este esquema, este princípio de prazer, a saber, este algo que em certos casos, sob certas incidências dá um traço primitivo, sob a forma de sonho, digamos, o mais primitivo, até o mais confuso, aquele que podemos ver no cachorro. Vê-se que o cão, quando está dormindo, mexe as patas de vez em quando; ele deve, pois, sonhar, e talvez ele tenha também uma satisfação alucinatória de seu desejo.

Como podemos concebê-las? Da mesma forma, como podemos situá-las, e justamente no ser humano? Eu lhes proponho isto, para que pelo menos isso exista como termo de possibilidade em seu espírito e que, ocasionalmente, dêem conta que isso se aplica de uma maneira mais satisfatória.

Aquilo que é resposta alucinatória à necessidade não é o surgimento de uma realidade fantasmática no fim do circuito inaugurado pela exigência da necessidade, é a aparição, desta exigência, deste movimento que começa a ser suscitado no sujeito em direção a algo que deve, com efeito, designar para ele algum lineamento. É a aparição, ao fim disso de algo que, evidentemente, não está sem relação com a necessidade que ele tem, uma relação com o que se chama o objeto, mas que fundamentalmente é, eu diria, de origem, que tem esta particularidade de ser algo que tem uma relação tal com o objeto, que isso merece ser chamado de um significante, quero dizer, algo que tem essencialmente uma relação fundamental com a ausência deste objeto, que já tem um caráter de elemento discreto de signo, e o próprio Freud não pode fazer, quando articula este mecanismo, este nascimento das estruturas inconscientes - consultar a já por mim citada carta, a carta 52 a Fliess - no momento em que começa para ele a se formular um modelo do aparelho psíquico que permita se dar precisamente do processo primário. É preciso que ele admita na origem que este tipo de inscrição mnésica que vai responder alucinatoriamente à manifestação da

5 de fevereiro de 1958

necessidade não é outra coisa senão isto: um signo, isto é, algo que não se caracteriza somente por uma certa relação com a imagem na teoria dos instintos, e por esta espécie de logro que pode ser suficiente para despertar a necessidade, e não a satisfazê-la, mas algo que, na qualidade de imagem, se situa já numa certa relação com outros significantes, com o significante, por exemplo, que lhe está diretamente oposto, que significa sua ausência com algo que já está organizado como significante, já estruturado nesta relação propriamente fundamental que é a relação simbólica na medida em que aparece nesta conjunção de um jogo da presença com a ausência, da ausência com a presença; jogo este, ele mesmo ligado, ordinariamente, a uma articulação focal que já se constitui na aparição de elementos discretos de significante.

Na realidade, o que temos como experiência, mesmo o que se produz ao nível das regras mais simples na criança, não é uma satisfação de alguma forma. Quando se trata da simples fome, da necessidade da fome é algo que se apresenta já com um caráter de excesso, se assim posso dizer, de exorbitante, é justamente aquilo que já foi proibido à criança, o sonho da pequena Anna Freud: cerejas, morangos, framboesas, pudim, tudo aquilo que já entrou numa característica propriamente significante, que já é o que foi proibido, e não simplesmente o que corresponde a uma necessidade, à necessidade de toda satisfação da fome, que consiste em se apresentar à maneira de um festim de coisas que ultrapassam os limites justamente daquilo que é o objeto natural da satisfação da necessidade.

Este traço totalmente essencial se encontra absolutamente em todos os níveis, em qualquer nível que seja que vocês tomem o que se apresenta como satisfação alucinatória, ou então, inversamente que tomem as coisas pela outra extremidade, quando lidam com um delírio onde podem ser tentados, na falta de coisa melhor durante um tempo antes de Freud, eu diria, a procurar alguma coisa que seja a correspondência de uma espécie de desejo do sujeito, vocês a alcançam por algum *flash* de soslaio, como aquele em que algo pode parecer representar a satisfação do desejo.

Mas será que não é evidente que o fenômeno maior, mais surpreendente, mais maciço, mais invasor de todos os fenômenos do delírio, não seja qualquer fenômeno, não seja qualquer coisa que se relacione com uma espécie de devaneio de satisfação de desejo? É algo tão definido quanto a alucinação verbal, e antes de mais nada, antes de se saber se esta alucinação verbal ocorre em tal ou tal nível, há no sujeito algo como uma espécie de reflexo interno sob forma de alucinação psicomotora que é extremamente importante de se constatar. Se há projeção ou outra coisa, será que não aparece logo de entrada que na estruturação daquilo que se apresenta como alucinação, aquilo que domina, e que domina primeiro, é aquilo que até deveria servir como primeiro elemento de classificação, é sua estrutura do significante? É porque são fenômenos estruturados ao nível do significante que a própria organização destas alucinações não pode em nenhum instante se pensar sem ver que a primeira coisa que deve ser vista neste fenômeno é que é um fenômeno significante.

Eis pois uma coisa que deve sempre nos lembrar que se é verdade que se pode abordar sob este ângulo a caracterização daquilo que se pode chamar de princípio do prazer, isto é, a satisfação fundamentalmente irreal do desejo, a diferenciação, a característica que a satisfação alucinatória do desejo existe, é porque ela é absolutamente original, Ela se propõe no campo do significante e implica como tal um certo lugar do Outro, que aliás não é forçosamente um outro, mas um certo lugar do Outro, posto que está necessitado pela posição desta instância do significante.

5 de fevereiro de 1958

Vocês notarão que numa tal perspectiva, a deste pequeno esquema aqui, é que vemos entrar em jogo esta espécie de parte externa, afinal de contas, do circuito que está constituído pela parte à direita do esquema, a saber a necessidade que é algo que aqui se manifesta sob a forma de uma espécie de fim ou de cauda da cadeia significante; algo que, evidentemente, não existe senão no limite, e onde, todavia, vocês reconhecerão sempre, toda vez que algo alcança este nível do esquema, a característica do prazer como sendo ligado a isso.

Se é num prazer que o dito espirituoso termina, é, *mui* precisamente, na medida em que o dito espirituoso necessita que algo se realize ao nível do Outro, que tem esta espécie de fim virtual em direção a uma espécie de além do sentido, que, porém, é algo que, em si, comporta uma certa satisfação. Se, pois, é nesta parte externa do circuito que o princípio do prazer pode de alguma forma se esquematizar, aqui, da mesma maneira, é naquela parte que se encontra o princípio de realidade. Ele não é concebível de outra maneira, no tocante ao sujeito humano, na medida em que lidamos com ele em nossa experiência; não há outra apreensão ou definição possível do princípio de realidade para o sujeito humano, na medida em que ele deve estar aí ao nível do processo secundário, na medida em que o significante na origem de sua cadeia entra, efetivamente, em jogo no real humano como uma realidade original. Há linguagem, fala-se no mundo e por causa disso há toda uma série de coisas, de objetos que são significados, que de outra maneira absolutamente não o seriam. Quero dizer, se não estivesse em jogo, se não existisse no mundo do significante.

E a introdução do sujeito a qualquer realidade que seja, absolutamente não é pensável por uma pura e simples experiência de qualquer coisa de que se trate, duma frustração, de uma discordância, de um choque, de uma queimadura, de tudo quanto quiserem. Não há soletração passo a passo de um *Umwelt* pelo homem que seria também explorado de maneira tão imediata e, se assim pode se dizer, tateante com a diferença que, para o animal, o instinto vem socorrê-lo, graças a Deus!, porque se fosse preciso que o animal reconstruísse o mundo, toda sua vida não seria suficiente para fazê-lo, então, por que querer que o homem que tem instintos muito pouco adaptados faça esta experiência do mundo, de alguma maneira com suas mãos? O fato que haja significante é absolutamente essencial e o principal intérprete de sua experiência de realidade. Até se torna quase reduzido a uma banalidade, a uma patetice, dizê-lo a este nível. Ele intervém contudo pela voz, é bem manifesto naturalmente do ensinamento que recebe, daquilo que a palavra do adulto lhe ensina, mas a margem importante que Freud conquista sobre este elemento de experiência é isto: é que desde já, antes mesmo que a aprendizagem da linguagem seja elaborada no plano motor e no plano auditivo, no plano em que entenda o que se lhe diz, já há desde a origem, desde suas primeiras relações com o objeto, desde sua primeira relação com o objeto materno, na medida em que ele é este objeto primordial, primitivo, aquele de que depende sua primeira sobrevivência, subsistência no mundo, este objeto já está introduzido como tal no processo de simbolização, ele já desempenha um papel que introduz no mundo a existência do significante, isto a um estágio ultra-precoce.

Tenham certeza: assim que a criança começa a poder opor dois fonemas, já são dois vocábulos, e com dois, aquele que os pronuncia e aquele a quem estão dirigidos, isto é, o objeto, isto é, sua mãe, já são suficientes, os quatro elementos, para conterem em si toda a combinatória de onde vai surgir a organização do significante.

Agora vou passar para um outro e novo pequeno esquema, que por sinal já foi esboçado aqui e que vai lhes mostrar quais vão ser as conseqüências disso ao mesmo tempo em que se lembrarão do que na última lição tentei lhes fazer sentir.

5 de fevereiro de 1958

Dissemos que, primordialmente, tínhamos a relação da criança com sua mãe, e é verdade que é neste eixo que se constitui a primeira relação de realidade, quero dizer, esta realidade é indedutível, e, na experiência, só pode ser reconstruída com a ajuda de malabarismos perpétuos, se se faz depender sua constituição unicamente das relações do desejo da criança com o objeto na medida em que ele satisfaz ou não seu desejo.

Se, no grande limite, se pode encontrar algo que responda a isso num certo número de casos de psicose precoce, é sempre, afinal de contas, à fase dita depressiva do desenvolvimento da criança que retornam toda vez que fazem intervir esta dialética. Na realidade, trata-se, na medida em que esta dialética comporta um desenvolvimento ulterior infinitamente mais complexo, de algo completamente diferente, a saber, que a relação não está simplesmente na origem do desejo da criança para o objeto que a satisfaz ou que não a satisfaz, mas graças a algo que é mínimo de espessura, de irrealidade que a primeira simbolização dá uma marcação, se quiserem, já triangular da criança não em relação aquilo que vai trazer satisfação à sua necessidade, mas em relação ao desejo materno que ela tem diante dela.

É isto, e unicamente na medida em que algo já está inaugurado nesta dimensão, representado aqui no eixo chamado eixo das ordenadas em análise matemática. Temos a dimensão do símbolo e por causa disto pode se conceber que a criança em toda a medida em que ela deve se orientar em relação a estes dois pólos, e, por sinal, é exatamente em torno disso que a senhora Melanie Klein tateia sem poder dar a fórmula disso, é porque com efeito é em torno de um pólo duplo da mãe - ela a chama a boa e a má mãe - que a criança começa a tomar sua posição. Não é o objeto que ela situa de primeiro, é ela própria que ela situa de primeiro, e então ela vai se situar em toda espécie de pontos que estão por aí para tentar alcançar aquilo que é o objeto do desejo da mãe, para tentar ela, a criança, corresponder ao desejo da mãe. Isso é o elemento essencial e isto poderia durar muito e muito tempo.

Na verdade, a partir desse momento, não há espécie alguma de dialética possível. É aqui que devemos necessariamente intervir. É totalmente impossível considerar a relação da criança com a mãe, primeiro porque é impossível pensar e nada deduzir, mas é igualmente impossível, conforme a experiência, conceber que a criança esteja neste mundo ambíguo que os analistas kleinianos nos apresentam, por exemplo, naquele onde a única realidade é a da mãe, e que lhes permite dizer que o mundo primitivo da criança está ao mesmo tempo suspenso a este objeto e inteiramente auto-erótico na medida em que a criança não quer fazer diferença alguma entre um exterior e um exterior para um objeto com o qual ela está tão estritamente ligada que ele forma com ela um círculo fechado, literalmente.

De fato, todos sabem - basta ver uma criancinha viver - que a criancinha absolutamente não é auto-erótica, de todo, a saber, que ela se interessa normalmente, como todo e qualquer pequeno animal - e um pequeno animal em suma mais especialmente inteligente que os outros - que ela se interessa por toda espécie de coisas diferentes na realidade, evidentemente não para quaisquer coisas, mas uma há, a qual damos uma certa importância, e que, já que aqui o eixo das abcissas é o eixo da realidade, se apresenta totalmente no limite desta realidade. Não é um fantasma, é uma percepção. Deixo de lado isto que é enorme na teoria kleiniana, quero dizer que nela - pois ela é uma mulher genial - pode se perdoar tudo, mas nos alunos particularmente bem informados em matéria de psicologia, em alguém como Suzanne Isaac, que era psicóloga, é imperdoável. Depois da senhora Melanie Klein, ela todavia chegou a articular uma teoria da percepção tal que não

5 de fevereiro de 1958

há possibilidade alguma de se fazer distinção entre a percepção e uma introjeção no sentido analítico do termo. Não posso assinalar de passagem todos os impasses do sistema kleiniano. Tento dar-lhes um modelo que lhes permita articularem o que ocorre.

O que ocorre ao nível do estágio do espelho? É que o estágio do espelho, a saber, o encontro do sujeito com algo que é propriamente uma realidade, ao mesmo tempo em que não é uma realidade, a saber, é uma imagem virtual desempenhando um papel completamente decisivo numa certa cristalização do sujeito que chamei de e que se produz - eu o coloco em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe. Grosso modo, é bem disto que se trata: a criança conquista o ponto de apoio desta coisa no limite da realidade que se apresenta, se assim se pode dizer, para ela, de maneira perceptiva; e que pode, por outro lado, se chamar uma imagem no sentido que esta palavra tem, na medida em que a imagem tem esta propriedade na realidade, de ser este sinal cativante que se isola na realidade, que atrai por parte do sujeito esta captura de uma certa libido, de um certo instinto, graças a que há um certo número de marcos, de pontos psicanalíticos no mundo, em torno de que o ser vivo organiza aproximadamente suas condutas.

Para o ser humano, parece, afinal de contas, que seja a única espécie que subsista. Ele desempenha seu papel e ele desempenha seu papel na medida em que ele é, propriamente falando, logrante e ilusório. É naquilo que ele vem socorrer uma atividade que desde já é para o sujeito, na medida em que ele deve satisfazer o desejo do outro, uma atividade que já se propõe iludir ele mesmo o desejo do outro. A criança, na medida em que agora ela vai se constituir como toda a atividade jubilatória da criança frente a seu espelho, está ao mesmo tempo nesse momento de se conquistar como algo que ao mesmo tempo existe e não existe, e em relação a que ele avista seus próprios movimentos e também a imagem daqueles que a acompanham diante deste espelho.

É em torno desta possibilidade que lhe é dada por uma certa experiência privilegiada na realidade que justamente tem este privilégio de uma realidade virtual não realizada, e, agarrada como tal, que a criança vai poder conquistar este algo em torno de que ela vai literalmente construir cada possibilidade de realidade humana.

Ainda não é que o falo, na medida em que ele é este objeto imaginário ao qual a criança tem de se identificar para satisfazer o desejo da mãe, possa desde já se situar em seu lugar, mas a possibilidade de tal situação fica muito enriquecida por esta cristalização do *eu [mã]* numa certa marcação que abre toda a possibilidade do imaginário.

E, em suma, a que estamos assistindo? Estamos assistindo a algo que é um movimento duplo, movimento pelo qual a experiência da realidade introduz, sob a forma da imagem do corpo, um elemento ilusório e enganador como fundamento essencial da referência do sujeito em relação com a realidade, e em toda esta medida, na medida deste espaço nesta margem que está apresentada à criança por esta experiência, a possibilidade numa direção contrária para as suas primeiras identificações do *eu [mã]*, de entrar em outro campo que está definido como homólogo, é inverso daquele que é constituído pelo triângulo m-i-M, que é este, o entre m-I-M enigmático que é o sujeito na medida em que ele deve se identificar, se definir, se conquistar, se subjetivar e também o pólo da mãe³.

³ O esquema estará definido como o Esquema R, apresentado em *Écrits*, p. 553.

5 de fevereiro de 1958

disso, ele está destruído, proibido, é na medida em que ele intervém como personagem real, como *ai* [*j*'] para desempenhar este papel, que este *ai* [*j*'] vai se tornar algo eminentemente significante, e permitir que seja o núcleo da identificação, afinal de contas, última, supremo resultado do complexo de Édipo que faz com que seja ao pai que se relacione na formação chamada *ideal do eu*, e destas oposições do *ideal do eu* em relação ao objeto do desejo da mãe estão expressos sobre este esquema nisto que se a identificação virtual e ideal do sujeito ao falo, na medida em que ele é o objeto do desejo da mãe se situa lá no topo do primeiro triângulo da relação com a mãe, ele se situa lá virtualmente, ao mesmo tempo sempre possível e sempre ameaçado, tão ameaçado que efetivamente é preciso que num certo momento ele seja destruído pela intervenção do princípio simbólico puro representado pelo nome do pai, que está aí, no estado de presença velada, mas uma presença que se descobre não progressivamente, por uma intervenção de primeiro decisiva na medida em que ele é o elemento interditor e que justamente esta espécie de procura hesitante do sujeito devia ter êxito e que em certos casos chega a esta relação exclusiva do sujeito com a mãe não a uma pura e simples dependência, mas a este algo que se manifesta em todo tipo de perversões por uma certa relação essencial ao falo, quer o sujeito assuma sob diversas formas, quer ele faça dele um fetiche, quer estejamos aí no nível daquilo que podemos chamar a raiz primitiva da relação perversa à mãe. É na medida em que desta identificação, a partir do *ai* [*m*], o sujeito que pode, numa certa fase, fazer com efeito um movimento de aproximação, de identificação de seu *ai* [*m*] com o falo, essencialmente levado na outra direção, isto é, estruturado, constituindo uma certa relação que está marcada pelos termos que estão aí exprimidos numa certa relação com a imagem do corpo próprio, isto é, o imaginário puro e simples, a saber, a mãe.

Por outro lado, como termo real, seu *ai* [*m*], na medida em que ele é suscetível, não simplesmente de se reconhecer, mas, tendo-se reconhecido, de se fazer ele próprio elemento significante e não mais simplesmente elemento imaginário em sua relação com a mãe, que podem produzir sucessivamente identificações das quais Freud, em sua teoria do *ai* [*m*], nos articula da maneira mais firme, isso é o objeto da sua teoria do *ai* [*m*] - nos mostra que o *ai* [*m*] é constituído de uma série de identificações - vejam o esquema - de uma série de identificações a um objeto que está além do objeto imediato, que é o pai, na medida em que ele está além da mãe.

É essencial conservar este esquema, porque ele também demonstra que para que isto se produza corretamente, completamente e na boa direção, deve haver uma certa relação entre sua direção, sua retidão, seus acidentes e o desenvolvimento então sempre crescente da presença do pai na dialética da relação da criança com a mãe.

Este esquema é, com seu duplo movimento de balança, a saber, que a realidade é conquistada pelo sujeito humano na medida em que ela alcança um de seus limites, sob a forma virtual da imagem do corpo, que, de maneira correspondente, é na medida em que o sujeito introduz em seu campo de experiências os elementos irrealis do significante, que ele consegue alargar na medida em que está para o sujeito humano o campo desta experiência. Isto é de utilização constante e se não se referirem a isso, deslizam numa série de confusões que consistem literalmente em tomar uma idealização por uma identificação, uma ilusão por uma imagem, todo tipo de coisas que estão longe de ser equivalentes e às quais teremos de voltar mais tarde, referindo-nos a este esquema.

É muito evidente por exemplo que a concepção que podemos fazer do fenômeno delírio seja algo que deveria indicar facilmente pela estrutura colocada, promovida, manifesta neste esquema, na medida em que vemos sempre no delírio algo que certamente merece o termo

5 de fevereiro de 1958

de regressivo, mas não à maneira de uma espécie de reprodução de um estado anterior que seria completamente abusivo, confundir com seu fenômeno a noção que a criança vive num mundo de delírio, por exemplo, que parece ser indicado pela concepção kleiniana, é uma das coisas mais dificilmente admissíveis, pela simples razão que esta fase psicótica, se ela é necessária pelas premissas da articulação kleiniana, não temos espécie alguma da experiência na criança de qualquer coisa que seja que represente um estado psicótico transitório. Em compensação se concebe muito bem no plano que é uma regressão estrutural, e não genética, que o esquema permite ilustrar precisamente por um movimento inverso àquele descrito pelas duas setas, a invasão no mundo dos objetos da imagem do corpo que é tão manifesta - estou falando dos delírios do tipo schrebeano - e, inversamente, este algo que junta em torno do $cu[mx]$ todos os fenômenos do significante, ao ponto que o sujeito não está mais de alguma forma sustentado na qualidade de $cu[mx]$, senão por esta trama contínua de alucinações verbais significantes que formam então uma espécie de recuo em direção a uma posição inicial da gênese de seu mundo da realidade.

Vejamos, em suma, qual foi hoje nossa finalidade; nossa finalidade é situar definitivamente o sentido da questão que colocamos a respeito do objeto. A questão do objeto, para nós, analistas, é fundamentalmente esta, porque temos constantemente a experiência; só temos isso para fazer, ocupar-nos com isso: qual é a fonte e a gênese do objeto ilusório? Trata-se de saber se podemos fazer uma concepção suficiente deste objeto como ilusório, simplesmente referindo-nos às categorias do imaginário.

Eu lhes respondo não, isso é impossível, porque o objeto ilusório, e isto é conhecido desde há muito tempo, desde que há pessoas que pensam e desde que há filósofos que tentam expressar o que já foi experimentado por todo mundo, todos sabem que o objeto ilusório, há muito já se falava a respeito, é o véu de Maia, é aquilo por causa de que aparece uma necessidade tal que a que se chama a necessidade sexual, manifestamente realiza finalidades que estão além, se assim se pode dizer, do que quer que seja que esteja no interior do sujeito. Não se esperou por Freud, já que o senhor Schopenhauer e muitos outros antes dele descobriram esta astúcia da natureza, que faz com que o sujeito pense abraçar tal mulher e que está pura e simplesmente submetido às necessidades da espécie.

Este lado do caráter fundamentalmente imaginário do objeto, muito especialmente na medida em que ele é o objeto da necessidade sexual, estava reconhecido desde muito tempo e não nos fez dar um passo em direção a este problema que é todavia o problema essencial. Por que esta mesma necessidade que, pretensamente, seria feito daquilo que faz grosseiramente, aparentemente, que bem parece estar na natureza, realidade pelo caráter de logro, pelo fato que o sujeito só é sensível à imagem da fêmea de sua espécie, isso, a grosso modo; por que isso não nos faz dar um passo no sentido em que para o homem, um pequeno sapato de mulher pode mui precisamente ser o que nele provoca este surgimento de energia pretensamente destinada à reprodução da espécie? Aqui está o problema.

O problema está aqui, e o problema somente é solucionável na medida em que vocês se aperceberem que o objeto de que se trata, na medida em que ele é objeto ilusório, não desempenha sua função no sujeito humano, na qualidade de imagem tão logrante, tão bem organizada naturalmente como logro quanto vocês o supunham, mas na qualidade de elemento significante numa cadeia significante. Voltarei ao assunto.

Estamos hoje ao final de uma lição talvez simplesmente abstrata. Peço perdão, mas se não colocarmos nestes termos, nunca conseguiremos entender o que está aqui e o que está lá, o que eu digo e o que eu não digo e o que eu digo para contradizer outros e o que outros

5 de fevereiro de 1958

dizem inocentemente, sem se aperceberem de sua contradição. É necessário que isso aconteça, a função que tem tal ou tal objeto de fetiche ou não, mas mesmo toda a instrumentação, simplesmente, de uma perversão. Não sei onde se deve ter a cabeça para se contentar com termos como masoquismo ou sadismo, por exemplo, o que fornece todo tipo de considerações admiráveis sobre as etapas, os instintos, sobre o fato que existe não sei que necessidade motora agressiva necessária, pelo fato de poder chegar simplesmente à finalidade do abraço genital.

Mas afinal, por que no sadismo e no masoquismo, o fato de apanhar - há outras maneiras de se exercer o sadismo e o masoquismo - o fato de apanhar mui precisamente com uma vareta ou o que quer que seja análogo, desempenha um papel essencial, e minimiza a importância na sexualidade humana daquele instrumento que é chamado chicote, de maneira mais ou menos elidida, simbólica, generalizada? É contudo algo que merece alguma consideração.

O senhor Aldous Huxley nos descreve o mundo futuro onde tudo está tão bem organizado no tocante ao instinto de reprodução, que se colocarão pura e simplesmente os fetos em garrafa após ter escolhido os que serão destinados a fornecer os melhores genes. Tudo vai muito bem e o mundo se torna algo particularmente satisfatório, que o senhor Aldous Huxley, em razão de suas preferências pessoais, declara fundamentalmente enfadonho. Nós não tomamos partido, mas o interessante é que um autor que se entrega a esta espécie de antecipações às quais, quanto a nós, não damos importância alguma, faça renascer o mundo, que ele conhece, e nós também, por intermédio de uma garota que manifesta sua necessidade de ser chicoteada. Sem dúvida alguma, parece-lhe que aí há alguma coisa estreitamente ligada ao caráter de humanidade no mundo.

É simplesmente o que quero lhes assinalar. Quero lhes assinalar que o que é acessível a um romancista e a alguém que, sem dúvida alguma, tem experiência da vida sexual, é também algo que para nós analistas deveria nos deter, a saber, que se toda a virada, por exemplo, da história da perversão na análise, ou seja, o momento em que saímos da noção de que a perversão é pura e simplesmente a pulsão que emerge, isto é, o contrário da neurose, temos esperado pelo sinal do regente de orquestra, isto é, o momento em que Freud escreveu *Bate-se numa criança*, e que é em torno deste estudo de uma sublimidade absolutamente total, porque, evidentemente, tudo quanto foi dito depois não passa de trocadilho do que há no que Freud escreveu; se é em torno da análise deste fantasma do chicote que Freud verdadeiramente, naquele momento, fez entrar a perversão em sua verdadeira dialética analítica, aí onde ela aparece estar ligada não à manifestação de uma pulsão pura e simples, mas a um contexto de dialética tão sutil, tão composto, tão rico de compromissos, tão ambíguo que uma neurose é, a partir precisamente de algo que vai, não classificar a perversão numa categoria do instinto de nossas tendências, mas em algo que a articula precisamente em seu detalhe, em seu material, e, digamos a palavra, em seu significante. Toda vez, aliás, que lidarem com uma perversão, há algo que corresponde a uma espécie de desconhecimento daquilo que têm em sua frente, se não vêem o quanto a perversão está ligada de maneira fundamental a uma espécie de trama de fabulações que, por sinal, é essencialmente suscetível de se transformar, de se modificar, de se desenvolver, de enriquecer. É até toda a história da perversão o fato que a perversão se liga por outro lado, da maneira mais estreita em certos casos, quero dizer, clinicamente, na experiência, à aparição, à desapareção, a todo o movimento compensatório de uma fobia que mostra evidentemente o termo do avesso e do direito, mas num sentido todo diferente, no sentido onde dois sistemas articulados se compõem e se compensam, e se alternam um com outro.

5 de fevereiro de 1958

É também algo bem feito para nos fazer articular pulsão em um campo todo diferente daquele puro e simples da tendência.

É naquilo, é no acento do significante ao qual respondem os elementos, o material da própria perversão, que eu chamo particularmente sua atenção, já que, por enquanto, se trata de significado, aquilo de que se trata quanto ao objeto.

O que tudo isto quer dizer? É que temos um objeto, objeto primordial, e que, sem dúvida alguma, permanece dominando o prosseguimento da vida do sujeito. Temos também, sem dúvida alguma, e certamente, certos elementos imaginários que desempenham o papel cristalizante, e particularmente tudo aquilo que comporta o material do aparelho corporal, os membros, e a referência do sujeito à dominação de seus membros, à imagem total.

Mas o fato que o objeto esteja tomado numa função que é a do significante e que faz com que, nesta relação constituída pela existência de uma cadeia significante tal como a simbolizamos por uma série de S , S' , S'' , e que haja embaixo desta série de significações que faz com que, da mesma maneira que a cadeia superior progrida num certo sentido, o algo nas significações ou abaixo delas progrida em sentido contrário. É uma significação que sempre desliza, escapa e se esconde, que faz com que, afinal de contas, a relação profunda do homem a toda e qualquer significação, pelo fato da existência do significante, seja de um objeto um tipo especial. Este objeto, eu chamo de objeto metonímico. Eu lhes digo que seu princípio, na medida em que o sujeito tem uma relação com ele é que o sujeito se identifica imaginariamente de uma maneira totalmente radical, não com tal ou tal de suas funções de objeto que correspondia a tal tendência parcial, como se diz, mas na medida em que há algo que necessita que em algum lugar haja um pólo, a saber, no imaginário, algo que representa aquilo que sempre se esconde, a saber, aquilo que se induz de uma certa corrente de fuga do objeto no imaginário pelo fato da existência do significante.

Aquele objeto, ele tem um nome, ele é pivô, ele é central em toda a dialética das perversões, das neuroses, e até, pura e simplesmente, de todo o desenvolvimento subjetivo. Ele se chama o falo, e é isso que terei de ilustrar para vocês na próxima vez.